

CADA FORMA DE AUSÊNCIA
É O RETRATO DE UMA SOLIDÃO



MARCO SEVERO

Cada forma de ausência
é o retrato de uma solidão



© Moinhos, 2017.

© Marco Severo, 2017.

Edição:

Camila Araujo & Nathan Matos

Assistente Editorial:

Sérgio Ricardo

Revisão:

LiteraturaBr Editorial

Diagramação e Projeto Gráfico:

LiteraturaBr Editorial

Ilustração da Capa e Capa:

Humberto Nunes

1ª edição, Belo Horizonte, 2017.

Nesta edição, respeitou-se o

Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

S498t

Severo, Marco | Cada forma de ausência é o retrato de uma solidão

ISBN 978-85-92579-57-9

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático

1. Contos 2. Marco Severo I. Título

Belo Horizonte:

Editora Moinhos

2017 | 202 p.; 21 cm.

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Moinhos

Rua Gustavo Ladeira, n. 11, 506/01

Paquetá — Belo Horizonte — MG

editoramoinhos.com.br

contato@editoramoinhos.com.br

Sumário

O importante é ter Deus no coração,	11
O lado de cá da prisão,	16
Caminho aberto a facção,	23
Festa,	43
Mudança,	48
Procedimento banal,	64
Ser chacrete não é pra qualquer uma,	67
Omnia mutantur,	76
O relógio do coelho de Alice,	82
Chupeta de baleia,	86
A âncora encoberta pelo mar,	97
Glorinha, de olhos abertos,	117
Método de sobrevivência,	126
Grande e duro,	131
Santinha,	142
Curral,	147
Notícias populares,	158
Na contramão,	164
Fofura,	168
Vermes,	175
Quem nasceu pra ser canalha,	184
Uma infinita solidão,	190



Este livro é para os amigos

Cristina Carneiro

Eugênia Cabral

Getulio Sampaio

Renato Soares

Com vocês eu nunca estarei sozinho.

*E para a professora Maria Odirene Nogueira de Almeida,
por me fazer ver além.*

*Meu agradecimento a Carolina do Vale,
que me deu o título do livro de presente.*



*A vida é um pequeno espaço de luz entre duas nostalgias:
a do que ainda não se viveu e a do que já não se poderá mais viver.*

Rosa Montero, na obra "La Carne".

*Omnia mutantur nos et mutamur in illis.
("Todas as coisas mudam, e nós mudamos com elas.")*

Provérbio latino



O importante é ter Deus no coração

Abri a porta para o homem que veio entregar o garrafão de água mineral e indiquei com um gesto de mão o local no corredor, perto da cozinha, onde ele deveria colocá-lo. Em outros tempos eu mesmo o levaria até o devido local, mas ultimamente andava com uma dor nas costas quase incapacitante. Como dona Onória já tivesse chegado, olhei pra ela e falei, Antes da senhora ir lavar o banheiro, poderia por favor levar o garrafão até o quartinho? Ela estava com a boca cheia de pão mas fez que sim com a cabeça. Quando eu já estava dando as costas, ela disse, Agora eu também tô vendendo água. O assunto não me interessava diretamente, mas a informação capturou minha curiosidade. Como é, dona Onória? Meu filho tá fazendo supletivo de noite, passava a manhã e a tarde em casa sem fazer nada, só comendo bolacha com margarina, meu marido pegou o seguro-desemprego dele, pediu um dinheiro emprestado e agora o menino passa a manhã e a tarde pra cima e pra baixo entregando água.

Tem é saído, viu? Disse o que deveria dizer: Fico muito feliz pela senhora, dona Onória. E como minha língua não consegue parar quieta na boca, complementei, E lhe digo mais: se a senhora precisar parar de trabalhar pra mim pra ir cuidar dos seus negócios, eu quero mais é que a senhora prospere. Pude ver o seu rosto ruborizado e sua alegria incontida ao chamar o serviço de entrega de água dela de um “negócio”. Eu sei que o senhor fica alegre. Por isso que eu lhe disse, falou ela, terminando de engolir o pão. Por alguns segundos ela deve ter se sentido uma empresária. Isso até olhar pra vassoura e pros panos de chão. Dona Onória também tinha algo a complementar: Mesmo se eu começar a ganhar dinheiro vendendo água, não vou deixar de trabalhar pro senhor. Saio de todas as outras pessoas, daqui não.

Ela já havia dito outras vezes que tinha algum tipo de dívida comigo. Quando eu me mudei pra esse apartamento onde moro agora, dei um monte de coisas a ela: geladeira, fogão, botijão de gás, uns móveis. Coisas que eu ia recomprar para a casa nova, logo, não as dei à dona Onória por nenhum motivo especial. Passei tudo aquilo para ela porque eu tinha preguiça de ir atrás de alguém que quisesse comprar. E diabos, a mulher ia ficar feliz, custava nada vê-la mostrando um pouco os dentes.

O fato é que aquilo me enchia o saco. De vez em quando ela mencionava as tralhas que eu havia dado a ela, só pra eu me sentir um filho da puta da trupe de Cabral querendo comprar os índios com espelinhos.

Passou a trabalhar cantando, ela que era invariavelmente tão calada. Calhou de a dor nas minhas costas piorar, e eu tirei licença de quinze dias no trabalho para fazer tratamento. Acontece que eu tomava os remédios,

fazia a fisioterapia e voltava pra casa, onde, três vezes por semana, tinha que aguentar dona Onória cantando aqueles hinos de igreja. Pelo visto o negócio está cada vez melhor, hein, dona Onória? Ora se estão, ela disse sorrindo. Já pedi foi pra sair de uma das casas onde faço faxina. Agora não preciso mais trabalhar dia de sábado. Ela deve ter dito aquilo pra me atingir, porque ela sabe que eu trabalho aos sábados. Fiquei ainda mais incomodado com a nova dona Onória sorridente.

Com o passar dos dias fui melhorando e voltei a dirigir. Cheguei pra ela e disse, Escute: hoje, quando a senhora terminar, eu vou deixá-la em casa. Ah, seu Alexandre, não precisa, disse ela. Eu sei que não precisa, mas eu quero. Estou sem fazer nada em casa, é bom que me distraio. Por volta de 5 horas da tarde ela chegou para mim e disse que estava pronta para ir embora. Paguei a diária referente ao seu trabalho, dei a ela uns pães e biscoitos que eu não ia mais comer. Ela aceitou contente, dizendo que “sempre tinha algum irmão na igreja precisando”, e foi comigo até o carro, no subsolo.

Ela foi me indicando o caminho. Entrei em becos e ruelas dos quais eu não sabia se iria conseguir sair depois, uns lugares esquisitíssimos, cheios de esgoto correndo nos pés da calçada e uns casebres de dar pena. É ali, naquela casa de muro rosa, ela disse. Deixei que ela falasse o resto sozinha, completando, para mim, a verdadeira razão de eu ter me metido ali. É bem ali, ó — disse, apontando — que fica a garagem que meu marido alugou pra colocar nosso negócio de entrega de água. Era um espaço de não mais de três metros por dois, com vários garrações de diversas marcas, empilhados uns sobre os outros. Dei um sorriso e fiz um muxoxo, seguido de algum som qualquer pra

que ela entendesse que eu estava acompanhando sua explicação, que eu já sabia que ela ia dar, porque para mim era muito claro que o lugar do “negócio” de dona Onória seria perto de casa, para não terem que gastar com passagem de ônibus.

Deixei passar algumas semanas. Dona Onória continuava alegre e além de cantar passou também a assobiar. E, claro, de vez em quando me falava de mais uma casa onde ela deixara de trabalhar, porque não era preciso. Até o fim do ano eu vou ficar só aqui na casa do senhor, ela me informou um dia entre uma música e outra. Nunca pensei que vender garrafão de água fosse tão bom. Não fosse o empréstimo, a gente já tava bem melhor de vida, seu Alexandre. Que bom, foi tudo o que disse.

Naquela noite, conferi se meu GPS tinha gravado direitinho o trajeto que fiz até a casa de dona Onória, esperei a madrugada se instalar, peguei o carro da minha mulher, que estava viajando, e voltei ao local. Observei se tinha gente por perto. De longe, eu só ouvia o barulho de uma televisão ligada em algum lugar da vizinhança, provavelmente alguém dormindo de boca aberta bem em frente a ela. Não me preocupei, o carro tinha vidro fumê. Abri a janela, acendi os três coquetéis molotov e joguei um pelo portão da frente e os outros dois no telhado. Do retrovisor do carro vi o clarão do fogo consumindo os garrafões de polipropileno, um material altamente combustível. Fui para casa dormir.

No dia seguinte, dona Onória me ligou contando o ocorrido, e disse que passaria uns dias sem ir. Mas por favor, seu Alexandre, não arranje outra pessoa. Não se preocupe, garanti. Daqui a uns dias você volta. Do outro lado da linha, ela agradeceu várias vezes, chorando.

Quando dona Onória voltou, disse que ninguém sabia quem tinha feito aquela maldade, que só podia ser alguém sem Deus no coração, diferente de mim, um homem tão bom. Para piorar, o marido ia ter que pagar ainda não sei quantas infinitas parcelas do empréstimo que havia feito para o empreendimento. Que tristeza, dona Onória. Mas o importante é ter Deus no coração e acreditar que as coisas vão melhorar, assegurei. Prometi a ela que iria indicá-la para conhecidos, já que os antigos patrões dela tinham conseguido outras pessoas para o seu lugar, mas não me dei ao trabalho. Se alguém pedir o telefone, dou. Não sou uma pessoa ruim, sou só esquecido.

Hoje, dona Onória não canta mais. Melhor assim, tudo como era antes. Voltei a ter paz. De vez em quando eu a vejo chorando em algum canto da casa. Logo mais isso passa.